

A visão de Newton prevaleceu durante séculos como prova concreta: a matéria e a energia eram definidas como corpos sólidos, separados, movendo-se de modo previsível no espaço infinito e vazio.

No início do século xx, o físico Niels Bohr desenvolve o modelo atómico (o átomo como um pequeno núcleo e cercado por electrões em órbita circular). Embora com algumas fragilidades e contradições, torna-se a melhor explicação até à data.

Experiências como a de Heisenberg nos anos vinte (Princípio da Incerteza: provou que a natureza do electrão pode ser ondulatória ou corpuscular, isto é, comportar-se simultaneamente como ondas ou partículas) revelaram que o mundo microfísico tem aspectos que diferem de modo significativo do que indica o senso comum.

Todos estes conhecimentos da física quântica, nos seus primórdios, apenas serviram como ferramentas tecnológicas — fabrico da bomba atómica ou o desenvolvimento da electrónica por exemplo.

Já nos anos oitenta e noventa, depois de estudos científicos rigorosos, chega-se à conclusão de que a observação — a consciência humana — era o elemento fundamental. As partículas subatômicas existiam em todos os estados possíveis até serem «vistas» por nós, optando por uma forma.

Nos séculos xx e xxi, a ciência é revista constantemente e os horizontes alargam-se proporcionalmente às investigações a nível microscópico. É como se o ser humano, quanto mais olhasse para o infinitamente pequeno, melhor compreendesse o infinitamente grande, quanto mais aperfeiçoa o microscópio, mais lentes acrescenta ao telescópio.

## Capítulo I

Nenhum amor é pequeno e nenhum fingimento o pode disfarçar. A atracção mútua, uma música camuflada pelos barulhos necessários do quotidiano, conseguiram-na adiar como se fosse um contratempo existencial. Corações que não encontram gestos à altura, ou gestos que não respondem ao coração.

Frequentavam a mesma igreja quando crianças. Depois da catequese, por vezes, trocavam olhares sempre com algum desprezo da parte dele e desconfiança da parte dela.

Ao passar junto ao grupo de Ema reunido ao redor da catequista com os livros de orações abertos sobre o colo, aproveitando as costas da adulta, Samuel puxou o braço de um colega e disse apontando:

— Estás a ver aquela miúda ali, a de camisola azul? Vai ser linda.

Ofendida, a catequista virou-se e já não encaixou ninguém naquela voz. Voltou-se para Ema, alguém tinha de ser censurado. Ela censurava-o a ele, numa devolução. Como se atrevia? Quem pensava ele que era?

Cresceram os corpos e os olhos dos adolescentes não são conhecidos pela capacidade de calma observação. O coração batia descontroladamente quando lhe aparecia, logo uma necessidade de a cativar. Se sentisse que ela o admirava, se o olhasse com aqueles olhos de quem contempla a origem mitológica da alegria, um olhar aveludado que tudo espera e em tudo acredita, aí, sim, sentia-se o deus de alguém. Viciado ficou, não é fácil abdicar dessa sensação. Ilusão de se governar mais e melhor reino.

Viver e aprender, quem vai à guerra, dá e leva, quem ama, odeia, já se sabe, haverá culpas no que toca ao amor? A prioridade de Samuel Roldana — sair intacto de cada história — era a de todos os outros, atire a primeira pedra quem não se tenha resguardado o mais que pôde quando teoricamente se entregou a alguém. As consequências não dialogam bem com julgamentos, todo o ser humano é livre de ser sozinho até escolher deixar pegada dupla. Todos os projectos são bons enquanto não saem do papel.

A primeira vez que se beijaram foi uma dessas memórias desajeitadas que até dá jeito ter-se perdido no fio do tempo. Não teriam ainda vinte anos. Como qualquer primeiro beijo líquido entre dois, sôfrego, lívido, novo, o aroma do fogo nas línguas e a largura do céu nos pés. Avistavam algo semelhante ao mar e deliraram por momentos, a vida ia ser sempre assim, só aquele abismo a fintar o tempo.

— Vamos para minha casa, o meu pai não está, vai chegar tarde.

Em a conteve-se de lhe ralar, estava a ver que não o propunha. Não sabiam falar de amor. Estenderam-se na

cama dele e havia tantos pormenores naquele quarto para se deter — recortes de jornais emoldurados, artigos estranhos de jornais estrangeiros pregados em quadros de cortiça, livros abertos e com páginas dobradas espalhados pelo chão, pela mesa e mesinha-de-cabeceira — que mal teve tempo de estremecer nas mãos que lhe despiam a saia e entravam em si. Samuel parou quando chegou ao seu corpete. Encostou-se ao peito dela e respirou, talvez dali viesse um oxigénio mais puro. Escondeu a cara durante algum tempo, depois colocou-a de lado. O quarto alcatifado estava frio e os pés dela começaram a arrefecer. Terá pensado que a vida não espera, que deixar o corpo à espera de calor é algemá-lo. Ema ainda não experienciara o que Samuel sabia de cor — o afecto nem sempre é generoso e além disso conhece muitas fronteiras. Até que ele se atirou para um lado da cama e, olhando-a apenas, esboçou que não queria.

Foram interrompidos pela chegada do pai. Vestiram-se à pressa e despediram-se sem compreenderem minimamente o que não tinham feito. Talvez a Ema devesse ter ocorrido que cada vez que ele a procurava era só uma forma de se ausentar dele mesmo.

Esperou-o vários meses. Assumiu que não lhe conseguira compreender o coração. Muito jovem, acanhou-se, colocou-o num pedestal — conhecida tendência de quem ama. Não o procurou. Porém, por vezes, as tentativas falhadas marcam mais do que o concretizar de certo anseio. E soube entretanto que o pai lhe arranjava emprego no *Diário da Manhã* — encarregado de recolher informações proibidas.

— Fora de questão ires para o *Diário de Notícias*, não quero topar-te todos os dias depois de lavar os dentes e na mesa de trabalho.

A primeira impressão do edifício não podia ser pior. Samuel subiu as escadas de pedra, longas e soturnas que o conduziam até ao seu novo ofício. Aguardara-o com expectativa mas sem paixão.

Os corredores, de tão escuros, antecipavam já os encontros nas suas manhãs mais ensonadas. Contentava-se o mobiliário a secretárias, as indispensáveis, duas mesas e algumas cadeiras de costas partidas; por isso, nota mental, apenas confiar nelas como bancos.

Chamou-lhe à atenção a *mesa da estiva* — coração do jornal —, onde os repórteres escreviam, os informadores contavam as suas novidades, à volta da qual se juntavam todos os que ainda não tinham conquistado o direito a uma secretária. Isso porque circulavam pelos vários jornais, vendendo as pequenas *cachas*. Ninguém lhe prestou atenção até que o director veio à porta do seu gabinete chamar um tal Silvino e finalmente o viu.

— Seja bem-vindo a esta sua casa. Entre, entre! Eis a sua secretária.

Todos o olharam como quem cumpre uma obrigação e prosseguiram o seu trabalho após um abafado cumprimento.

O director passou-lhe a mão bojudá sobre os ombros, circungirou os olhos e assegurou:

— Eles estão muito contentes por o ter na equipa, apenas não são gente de desperdiçar palavras e sorrisos. Passo a mostrar-lhe os aposentos e depois dou-lhe já ocupação para

um mês, que anda para aí um boato nos corredores do Parlamento que é necessário tirar a limpo.

Samuel conseguiu disfarçar durante algum tempo, mas foi-se tornando evidente: pouco ou nada devia à vocação jornalística. Talvez fosse o único jornalista no país que não vibrava com aquilo que fazia. Fruto das circunstâncias — e porque o pai depois de uma certa idade nunca o autorizaria a continuar sem trabalhar —, este foi o seu caminho natural, que, é dizer, o caminho mais fácil.

Por tudo o que fora percebendo com o exemplo paterno, mantinha a esperança de que o tempo desocupado num pequeno jornal o pudesse aproveitar no que descobriria ser o seu prazer. Ser um jornalista «de segunda» não o incomodava. Cada um vem a esta vida com dois ou três talentos cintilantes, pelo menos. Por agora apenas os vislumbra e não se enganaria redondamente ao manter-se perto da escrita. O que ele gostava mesmo era de investigar, a ciência entusiasmava-o. Sabia estar a viver um momento crucial da história do Homem. A explicação do mundo apartava-se finalmente do senso comum que sempre o iludiu. Havia tanto que os sentidos não podiam observar e, no entanto, existia. A incerteza, começava-se a perceber, era intrínseca ao Universo.

Já a escrita era o seu campo. A sua casa. Escrevia por gozo e acima de tudo por prazer de domínio. Como um gato a brincar com um ratinho em breve almoço. Sim, era uma relação de poder, de dono e propriedade. E quantas vezes sentia eriçar a penugem loira dos seus braços ao findar um texto bem conseguido. Para ele as palavras expressavam

um amontoado de multidões onde reconhecia todos os indivíduos particularmente.

A redacção para Samuel correspondia ao seu local favorito para se dedicar à investigação. Além do acesso ilimitado a telefones e correio prioritário, papel, enciclopédias, recorria de modo frequente à desculpa de necessitar da biblioteca, edifício ali perto. O seu assento poucas vezes aquecia ao serviço do que realmente lhe pagava o salário, mas por vezes tinha mesmo de trabalhar. Apesar de ser um cargo decorativo, não podiam simplesmente ignorar a evidente falta de produtividade, e incumbiam-no de tarefas que o deixavam exangue. Reprodução de declarações como as de Humberto Delgado são exemplo disso, obrigaram-no a elaborar um texto que lhe levou uma tarde inteira. Este, que haveria de combater Salazar anos depois, lançava o seu livro *Da Pulhice do Homo Sapiens*, não poupando nos adjectivos para qualificar os políticos do Parlamento. Referira-os como «chacais», «tubarões», «canalhas», «malandros», «judas» ou «sabujos».

Naquela tarde caiu-lhe a informação do céu. O telefone tocou e do outro lado identificaram-se como sendo da assessoria do Governo. Perguntaram:

— O senhor tem por aí alguma coisa sobre uma reunião que houve na Voz do Operário?

— Não tenho nada, mas o que se passa?

— Não pode dar nada dessa reunião.

Imediatamente desencadeou uma roda-viva no jornal para publicar a notícia e guardar os louros, como já fizera no mês anterior aquando do telefonema com a informação de que «o presidente do Conselho tinha viajado mas não se podia dizer nada!». Espraiado na sua secretária entre

leituras e apontamentos no seu caderno de tese — todos os cientistas guardam um diário rigoroso dos seus avanços —, davam-lhe de mão beijada a informação que em letras contidas, passando apenas pelo tipógrafo displicente, apareceu no dia seguinte para orgulho do jornal:

«Salazar apanha comboio em Santa Apolónia em direcção a Santa Comba Dão.»

Entre os muitos aspectos em comum, Samuel e Ema mantinham-se atentos às evoluções científicas e apercebiam-se com entusiasmo de que aquele era um dos séculos mais fascinantes para se viver. Moviam-se num meio cosmopolita, com acesso privilegiado a informação e apercebiam-se de que o homem progredia olímpicamente. E tudo, como ramos emaranhados, se alterava ao mesmo tempo que se conjugava; logo, nunca seria lógico assumir uma verdade absoluta, uma realidade fixa. Tudo se decidia em movimento.

— As pessoas imaginavam o mundo cheio de zepelins — disse-lhe Ema um dia — e afinal o avião deu cabo do zeppelin. Conseguimos prever vinte anos, no máximo.

— Parece que a humanidade evolui como fractais, ou seja, comete os mesmos erros — respondeu-lhe Samuel, sempre imbuído naquela espécie de defesa a que muitos chamam pessimismo.

Pela primeira vez reclamavam-se recursos económicos avultadíssimos só possíveis para os países poderosos que encabeçaram o investimento com alarde. Tudo iria mudar: a comunicação das ideias, a alimentação, os transportes, os cuidados de saúde, a moda, a maneira como as pessoas se viam a si próprias e ao seu semelhante.

Além dos seus interesses e afazeres, Samuel era um homem bonito. Ser jovem e bonito é por si só uma ocupação. Das muito exigentes.

Depois do golpe de Estado em 1928, Salazar é convidado pela segunda vez para ministro das Finanças com condições muito rígidas que o faziam logo tomar o comando, que só largaria em 1968. Não sendo personagem principal desta história, ficará tanto tempo a pairá-la que também não se lhe pode chamar secundária.

As suas políticas não visaram o controlo directo dos operacionais e dos seus textos. De qualquer modo, aconteceram episódios de multas, suspensões ou prisões de jornalistas. A forma de controlar a imprensa manobrou com muito mais eficácia os órgãos editoriais. Do topo alcança-se toda a paisagem.

Às tantas, Samuel apenas escrevia «reportagens» sobre inaugurações ou discursos políticos: um exercício interessante de como encontrar sinónimos para «afirmou», «argumentou», «prosseguindo», não sendo exigido, nem permitido, qualquer desvio de imaginação.

Outubro amedrontava-se com a chegada do Outono. Fumava junto à entrada do *DN*, esperando pelo pai, vendo um ou outro carro de vez em quando desenhando a circunferência na rotunda. De repente tornou-se relevante no seu olhar o andar despachado de Ema.

Surpreendido, alegrou-se por a ver.

— Há que tempos! Andas a passear?

— Vinha ter contigo.

— Aqui, ao jornal do meu pai?

— Sim, estive no teu e disseram-me que tinhas vindo para aqui há pouco. Contaram-me que começaste a trabalhar, fiquei contente por ti. É um passo importante — gaguejava ao de leve e falava depressa demais ao mesmo tempo.

— Bem, vamos lá ver... O meu pai é que anda em baixo, sempre a queixar-se de umas dores.

— Só espero que melhore. E estás a gostar do trabalho?

— Sim, no início fiquei satisfeito, mas agora é tudo igual. Um dia destes piro-me. Daqui e do país.

— Não faças isso.

— Continuas linda.

Ela sorriu e sentiu-se confiante para lhe perguntar:

— Não sei se queres ir jantar...

— Não posso. Não sabes? Agora tenho namorada.

Embora fosse filho daquele que se dizia ser uma referência para o prelo português, tornou-se demasiado notória a sua frustração naquele meio e, ao princípio da tarde, quando se apresentou ao serviço, nas suas reputadas quatro horas de atraso, o director chamou-o ao gabinete.

As palavras que Samuel queria ouvir eram, ao mesmo tempo, as que não queria. Interessava-lhe um ano sabático, uma bolha de ar para se afastar do meio enfadonho a que chamavam pomposamente imprensa. Porém, a ausência de meios de subsistência empurrava-o para um problema ainda maior.

A sua mente estalava enquanto os lábios do director se contorciam, numa linguagem corporal pressurosa e desconfortável.

Ao longo do enorme rol de desculpas — estava a ser despedido com o mais demorado pedido de desculpas da história —, Samuel foi reencarnando na nova condição. Mudaria a sua vida. Encontraria um outro caminho.

Foi nesse instante que sintonizou a voz do director:

— ... por isso tratei de tudo com o *Diário de Notícias*, lá vais ser útil e progredirás. Vá, dá cá um abraço, que o que conta para mim é que continuemos amigos!

Envolvido nos braços e barriga que pareciam um barco a querer afundá-lo, inteirou-se — ao mesmo tempo que se mentalizara do despedimento, ficava novamente empregado.

Ricardo Rodrigues Roldana tornou-se conhecido pela fluência nos clássicos aplicados no seu trabalho jornalístico. As *latinadas* andavam dias a fio na memória de quem as lia, pois, como delas fazia uso, pareciam feitas para o agora e este lugar, e não razões de tempos idos.

Apesar da algazarra, empenhava-se no artigo de fundo, um dos mais proeminentes entre os vários jornais reconhecidos que nessa época se gritavam nas ruas. Lançava uma ou outra das suas piadas estratégicas, lenha à fogueira nas discussões literárias e políticas do momento.

A profissão ainda mal se podia apelidar de tal, situando-se entre a literatura e a política, ora se completando, ora virando costas.

Trazia da rua pedaços de jornais que havia arrancado do conjunto, frequentemente perturbado, espalhava-os na mesa e num instante pareciam os planos de um conflito mundial em iminência.

De coragem sobejamente conhecida, certo dia, numa palestra, Roldana, sem ser convidado, subiu ao pódio e sob um candelabro de três lumes, exclamou:

— Os grossos lucros dos bancos são o cancro do país! O prazo do monopólio do tabaco está prestes a findar. É preciso arrancar-lhes das mãos esta grande negociata, não se deve permitir a sua prorrogação, e sim fazer com que renda para o Estado!

Quando o iam interromper, ele, muito eficaz, pespegava estes modos:

— Não sei se percebeu bem... é necessário fixar os pontos essenciais. — E desembrulhava a ladainha nos mesmíssimos termos, a demonstrar um talento notável para se repetir nos mesmos pontos, vírgulas e preposições.

Desse episódio, nada de bom proveio para a sua carreira, mas há muito que Roldana não a confundia com a sua espinha dorsal.

— Caso decida continuar a dizer impropérios sem tento, terá de abandonar este jornal...

Sem o deixar terminar, contestou-lhe:

— A minha situação é a situação de um redactor. Não sou nem nunca fui político. A minha política é o meu trabalho. Sem homens como eu, e sim, que ainda há uns quantos, não existem notícias que verdadeiramente interessem aos leitores.

De facto, se ninguém escrevesse artigos de fundo, os jornais eram tão-só preenchidos com os artigos políticos, quase sempre exaltados, ou os artigos literários, pouco lidos.

Longe iam os tempos em que começara como repórter.

Foi Roldana aumentando a fama e, incontornavelmente, a rapacidade e os inimigos. Alguns, dava-se ao luxo, elegia-os ele — os polícias, os contínuos das repartições públicas, dos salões literários, das reuniões políticas, dos banquetes e de todas as instituições que lhe impediam a entrada.

— Boicotam o meu dever cívico de escrever a ansiada reportagem — praguejava, indignado.

Existiam várias técnicas. Matreiro, sentava-se à beira do posto de policial, sobretudo o do Teatro Nacional, frutífero em peripécias criminais, encostado a um canto onde fingia dormir.

Os outros escreviam pessimamente e entregavam as suas minuciosas notas — não se lhes podia chamar textos — em pequenos bocados de papel ou mortalhas de cigarros, exigindo aos repórteres verdadeira paciência de Jó. No seu caso, a formação literária dava-lhe uma enorme vantagem sobre os congéneres, quer intelectual, quer metafórica.

Aos seus textos, o jornal apenas acrescentava vírgulas ou retirava pontos de exclamação.

— O que faço é um acto tão velho como o mundo, a curiosidade e a calhandrice nasceram com o homem.

Quando já completara dez anos de repórter, convidaram-no para acumular funções, passando também a ocupar-se da revisão.

Desempenhava essa tarefa com grande escrupulo, melhorando, ora com um sorriso trocista, ora com um tédio irreprimível no rosto, a prosa dos diferentes colaboradores.

Um dia, sem saberem que passava no corredor, ouviu este comentário:

— Ah, escreva como entender. Isso não tem importância. O Roldana modifica essas coisas para variar, assim não começam sempre do mesmo jeito.

Muito fechado, o mundo jornalístico não permitia a entrada de gente nova, sendo mais comum a entrada por «direito hereditário» do que por vocação. Nem se falava, claro está, de formação. Não havia outra forma de entrar num jornal que não fosse fazer-lhe a ronda com constância infinita. Aquilo era de quem lá estava e para quem lá estava. Que fariam ali rapazotes ao lado de brilhantes periodicistas já consagrados?

Ele conseguira o que quase ninguém conquistara: uma entrada a pulso e uma nada lenta subida pelas várias categorias profissionais, desde informador, redactor, revisor, com fortes possibilidades de chegar a chefe de redacção. No país até há pouco reino, terminaria os seus dias unanimemente considerado uma lenda do jornalismo português.

Ora, há um motivo para tão fabuloso desenrasque. Roldana tinha sorte com as mulheres, qualquer coisa lhes acontecia, o seu problema sempre foi conseguir decidir-se entre muitas, e não a busca de companhia. Às vezes os amores só o permitiam voltar a casa pela madrugada. Reconheceu Abreu Dinis a caminho do Limoeiro, calculou que da prisão proviria alguma nova. Nessa noite deu-lhe avanço e esperou-o já à porta.

O rival informador, convencido de que Roldana estava ali sabedor dos mesmos motivos, desabafou, desarmado:

— És a minha sombra! Não há nenhuma que eu apanhe que não apareças para a contar! — E acrescentou: — Proponho que o façamos em sociedade, que te parece?

Música para os seus ouvidos. Não andava com nada nos bolsos — alegrou-se —, o que dali viesse seriam favas contadas. Chegou a casa no momento em que o sol se confundia no casario da colina. Olhou-se ao espelho e reparou que, com vinte anos, já existiam muitas rugas e muitas histórias no seu rosto. Estremeceu subitamente, como se o seu próprio corpo lhe fosse estranho. Esmurravam a porta e pouco depois descobriu que alguém lhe deixara à entrada um embrulho que chorava.

Nunca suspendeu a vida de boémio, mas agora faria um esforço para progredir na carreira. Ponto de honra, Roldana criaria o seu filho.

O jornalista atingia a maturidade da sua carreira no *Diário de Notícias*, fundado em 1864, por Eduardo Coelho, um projecto com intuito de marcar pelo novo estilo «popular, noticioso, imparcial, inofensivo na propaganda e incolor na política».

Quando foi convidado para ali trabalhar, em meados dos anos vinte, comentou orgulhosamente com o filho:

— O *DN* foi o único jornal no país com visão para se desligar da política e da «alta cultura». Isto, sim, é imprensa! Autónomos no discurso e na recolha de dados. Finalmente os profissionais podem dizer-se profissionais.

O soldado do jornalismo tinha razão, mas não por muito tempo. A cultura da imprensa, posicionando-se como uma vasta indústria de recolha, produção e difusão de matérias culturais e informativas, não duraria muito.

Samuel crescera no clima, comum a todas as classes sociais, de desencanto em relação à «novidade» republicana. As querelas parlamentares tornavam-se tão violentas quanto

fracturantes. Nascido depois do início do século de todos os problemas, era filho do silêncio. Viveu com a avó na Várzea de Sintra até aos quinze anos. Quando chegou aos dezasseis, idade de trabalhar, já se instalava o Estado Novo. O regime trazia um método inesperado e ao mesmo tempo paralisante — aplicava uma nova distância entre jornalistas e políticos. Vestido de formalidades, este método anesthesiava qualquer espírito de iniciativa ou desejo de diálogo.

Sem direito a qualquer questão, era-lhes vedada a prática daquilo que os levava à redacção — de ora em diante, as histórias, ou, dito de outro modo, a verdade, não eram uma matéria flutuante da qual se pudessem assenhorear, e sim uma cedência sujeita a decretos-leis e entidade reguladora. Nascera a Censura.